

# A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE.

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e numeros  
sobro: em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, Rua  
da Alfândega, LISBOA; e no Brasil, ao sr. JOSÉ DE  
MELLO, 38, Rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.  
Prize du numero à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 16

PARIS 20 D'AGOSTO DE 1889

Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS:

ANNO (CÔRTE)	12.000 Réis
ANNUSTRE (CÔRTE)	0.000 —
ANNO (PROVÍNCIA)	14.000 —
ANUÍS	500 —



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os estrangeiros contemplando a Torre Eiffel das Torres do Trocadero.



## CHRONICA

### O PHONOGRAPHO DE EDISON

**A**SSISTI ho dias à curiosa exibição d'uma nova maravilha que traz a assinatura de Edison. Esta maravilha chama-se — o Phonographo.

Muitos dos que me lhem devem estar lembrados do espanho que ha cerca de dez annos causou em Lisboa o primeiro phonographo « Edison ». As experiências tiveram lugar nas salas da Sociedade de Geographia. Faltava-se a esse phonographo por meio d'uma espécie de porta-voz invertido. Os sons faziam vibrar um estylete que se ia cravar sobre uma delicada folha de estanho, que envolvia um cilindro movido pela electricidade. E quando o phonographo devia reproduzir os sons que lhe haviam transmitido, — o phonographo reproduzia-os por meio do porta-voz, mas n'um tom tão fanhoso, tão canhudo, tão belo de molhos e röte, que muitos dos famosos oradores lisboetas que do phonographo se haviam aproximado, saíram furiosos das salas da Sociedade, ouvindo a sua voz assim tão ridículamente reproduzida, as suas belas frases de occasião caricaturadas com a mesma inveracidade de sons, com que suas narizes são caricaturadas todas as semanas pelos diabólicos lápis do Bordallo, pag e filho...

Esse primeiro phonographo de Edison não passava d'uma tentativa — tentativa que muito sabio desejarão ter feito. O famoso inventor americano procurava apenas provar ao mundo, que o som se podia archivar e fazer ouvir mais tarde, como se guarda pela photographia a imagem d'um objecto ou d'um individuo, conservando-se essa imagem indefinidamente.

Hoje, porém, pagam socoço os famosos oradores lisboetas, por que a sua voz não será posta em caricatura pelo phonographo de Edison. O primeiro apparelho desapareceu. Temos agora um ouero, aperfeiçoado assim, onde a voz é reproduzida ainda com maior nitidez, com maior clareza, guardando o timbre particular a cada individuo, do que no mais aperfeiçoado e mais poderoso telephone.

Poetas, podis-lhe murmurar ao ouvido as vossas trovas mais sentidas... Oradores parlementares, podis-lhe vociferar algumas d'aqueellas ferozes apostrofes, com que costumam assustar e fazer estremecer as velhas paredes de S. Bento... Críticos de boqueijim, podis-lhe situar baixinho os vossos odios, as vossas invejas, todas as coisas nojentas que vós sois capazes de forjar contra aquelles que trabalham e caminham de cabeça levantada... Meninos da Baixa — ó adoráveis meninos da Baixa! — podis-lhe confiar os gemidos do vosso piano, os soluços que sacudem o vosso peito, os delambidos « aí! » que de vossos labios se evolam; os protestos d'amor que vós deixais cair da altura das vossas terceiros andares, sobre as orelhas cabelludas de vannos sargentos aspirantes...

O phonographo não mais fará a caricatura da vossa voz. Os vossos berros, os vossos gemidos, como os vossos assobios, tudo se pode archivar, e tudo se pode legar ao anno 3.000. Senhores berradores da camara, a posterioridade é vossa! Não se tendes o direito de berrar hoje, mas também tendes o direito de continuare berrando pelo estrado dos séculos fóre, como se ali presentes fossemos... .

Ainda ha dias ouvi, uma aria cantada a um

piano, aria que o mesmo phonographo já havia reproduzido mais de 600 vezes!...

Foi na imponente nave do palacio das machinas, que eu assisti a uma audição do novo phonographo.

E' neste imponente de ferro e de cristal, por entre milhares de machinas, algumas verdadeiras colossos, que se acha instalada uma cabine tendo inscritas nas quatro faces a palavra Edison, em letras d'ouro sobre fundo preto.

Dentro da cabine, cabem apenas umas dez pessoas. Ao centro uma mesa. Sobre a mesa uma caixa com pequenos cilindros que parecem leitos de cera, — e mais o « phonographo », S. ex.º o Phonographo, o grande sucesso de Paris e de Londres, por cujas academias e sociedades científicas elle tem andado, reproduzindo a sabedoria de Edison nos salões da Europa...

O phonographo actual tem as mesmas dimensões do antigo. Não tenho a pretensão de lhes descrever agora o apparelho, com tanto rigor d'um physico; nem tão pouco esta chronica se destina aos sabios.

Na minha qualidade de espectador ignorante dos segredos da physica, e mais dos misterios dos apparelhos electricos, devo dizer-lhes que a diferença do antigo para o actual phonographo consistiu para mim na substituição da lamina d'estanhio por cilindros que parecem de cera, e que se introduzem no cilindro do apparelho onde o estylete receptor deve imprimir os sons; e na substituição do porta-voz que reproduzia os sons, mas fanhosos, por um ramo de tubos de borradela, assentando a raiz desse ramo sobre o bocal do phonographo, e collocando os ouvidos os dois extremos de cada ramifications dos tubos de borradela nos ouvidos, como fazem os surdos com os bicos das cornetas acústicas. E assim, dez ou mais pessoas, estão ouvindo com a maior clareza o discurso que se profere, a poesia que se recita, o canto ou o assobio que se executou, e até mesmo a musica que ao longo está executando um piano, ou uma banda militar ou acá.

Os discursos que o phonographo me reproduziu pouco me surprenderam, a não ser no que diz respeito à classeza da voz e ao timbre, que é conservado com uma exactidão admirável. Mas o que deveras me surpreendeu, foi quando estava sentado, de braços cruzados, com os dois tubos de borradela suspensos dos ouvidos uns tubos terminam por dois tubos de vidro em forma de colchete, para se poderem suspender facilmente, e comecei a ouvir uma banita militar executada admiravelmente a Marselha; e ainda mais: quando depois de mal terminado o hymno, um multílico cuja existencia eu ate ali havia ignorado, rompeu em huras! em palmas!...

Eu assisti em Paris, a uma audição da Marselha, executada por uma banda militar em Nova-York! E ouvia em Paris os huras e as palmas, com que esse multílico, em Nova-York, havia acolhido a execução da Marselha!

Ei instantaneamente, arrestando pelo brío da musica e pelo entusiasmo do multílico de Nova-York, nós, os ouvidos ali presentes, também começamos a applaudir furiosamente, em face d'aquella maravilhoso apparelho que assim nos proporcionava as coisas mais extraordinarias, mais phantasticas e mais imprevistas.

Este anno começam na Europa as applicações do phonographo. Em todos os países se estão formando combinações para terem o exclusivo da exploração.

O phonographo vai ter tantas applicações importantes, como tem o telephone. Cada palavra, uma vez profetida diante do phonographo, passará a ter o mesmo valor das palavras que se escrevem em papel sellado, mas nouo d'um tablado.

Vão começar a ter phonographo os tribunais, camaras municipais e parlamentos. Depois seguir-são-lhe os escribans do commerce. Quando um sujeito recomendar um negocio, deverá ter o maior cuidado com o que disse e com o que propôr; alias o phonographo li está para reproduzir, até 600 vezes, o que ouviu, e obrigar o sujeito a cumprir com a sua palavra.

O phonographo vai d'aquei para o futuro exercer no meio das gentes uma influencia bem mais poderosa, que a que exerce esse outro phonographo inventado pelos velhos moralistas, e que mais vulgarmente se conhece pelo nome de — Voz da Consciência.

A Voz da Consciência ficou hoje posta a um canto... Não é para a consciência de ninguem que d'aquei para o futuro ha de apelar a nossa geração, nem as gerações vindouros. Jai eu escutado a Consciência — esse velho phonographo dos ingénios — e mais dos tolos! Contra quem se invoca a Voz da Consciência?... Contra a esperteza e o disfarce dos finorios, dos espirituosos, dos intrigas dos mentirosos; contra a ausência de memória de todos os egoistas, de todos quantos faltavam aos seus compromissos, de todos quantos se mostravam esquerdos das suas palavras e das suas promessas...

E a Voz da Consciência, o Arrependimento, o Remor, todas essas velharias que só hoje servam de assunto a moralistas de agua doce, e a poetas sem Musa; com quem correr de brago dado pelos bosques misteriosos de Phantasm e do Amor, — todas essas velharias faltavam, de cada vez que alguma causa justa estava em perigo.

Agora temos o phonographo. Hoje temos o círculo d'uma mesa, para surpreender a voz dos grandes paladinos, a voz dos cantores e os sons dos instrumentos. Amanhã havemos de ter o mesmo tamanho d'uma máquina photographica d'algarve, — phonographo para apanhar segredos, conspirações, diálogos d'amor...

Meninos da Baixa, o inimigo é vosso, gracas ao phonographo de Edison! Acabam-se se as trações; acabam-se as mentiras; acabam-se a era das palavras que se dizem sem convicções... O velho dicondo — « palavras levam o vento » — também morreu! Jai não ha vento, nem ventanha, nem vendaval, por mais forte que seja, que possa levar uma palavra, uma sílaba, um simples « ai »... o simples ruído misterioso e suave d'um beijo — que o phonographo não surprenderá imediatamente, para o repetir intacto nos séculos que ha de vir...

E quanto um jovem imprudente, mas maior de 21 annos, disse alhas horas, cd de ria para a jangada d'um terceiro andar, onde se agita uma cabeçinha morena: — « Amante de todo meu coração! Só tu tens mimha, e para mim as outras mulheressem... » não tñm diferenças com os imperador da China ou os tigres de Zamora!... — Que esse jovem imprudente, mas maior de 21 annos, se acanha do phonographo...

Assim como a máquina de costura foi a salvagāo de tantas raparigas bonitas que não sabia que fazer de seus pés e de suas mãos; assim o phonographo vai ser a salvagāo de todos quantas deem fáceis ouvidos a palavras que o vento fala...

Sob este ponto de vista, as vantagens do phonographo já são incalculáveis.

Mas ainda mais o bão de ser, quando um dinnamico investigador de coisas politicas se lembrar de passar em revista, n'uma audição publica, os rolos aonde estiverem gravados os discursos d'aqueles pais de partiu, cujas opiniões e cujo patriotismo variam, conforme os interesses e as exigências das suas respectivas e insondáveis barrigas...

Oll' enredo é que o phonographo ha de ser o espelho da Verdade, — e mais ou vil Humanidade!...

MARIANO PINA.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A EXPOSIÇÃO DE PARIS

**C**ONTINUAMOS hoje a série das nossas gravuras acerca da Exposição Universal, gravuras que tão grande sucesso tem obtido tanto em Portugal como no Brasil.

Prometemos ao público que a *Ilustração* havia de ser, em linguagem portuguesa, o álbum mais completo da Exposição de 1889. — e parece-nos que não podemos orgulhar de termos cumprido com a larga escala com a nossa promessa.

No passado número da *Ilustração* viram os nossos leitores o Pavilhão Português do qual d'Orsay, e as peças interioras da deslumbrante instalação devitão ao talento de Bonifácio Pinheiro. Estas gravuras eram acompanhadas das retratos dos comissários portugueses que mais contribuiram para o bom êxito da nossa exposição agrícola e colonial.

Hoje vamos mostrar ao público outros assuntos não menos interessantes.

Começamos por um curioso desenho do grande artista e grande humorista Vierge.

Nesta página d'uma versão tão brillante, mostram Vierge:

### OS ESTRANGELHOS CONTEMPLANDO A TORRE EIFFEL DAS TÓRRÉS DO TROCADERO.

O palácio do Trocadero que foi construído expressamente para a Exposição Universal de 1878, acha-se colocado em frente do Campo de Marte, e por consequência, mesmo em frente da famosa torre Eiffel de 300 metros d'altura.

Os visitantes da actual Exposição que não cessam de admirar de todos os lados de Paris a torre Eiffel, vão em romântico alto das torres do Trocadero, para onde se sobe por escadarias, e ali passam longas horas na contemplação não só da torre, mas também de todo o Campo de Marte.

Realmente, o ponto de vista é dos mais extraordinários. É um verdadeiro assombro olhar do Trocadero para a torre, para as fontes, para os palácios de Bellas-Artes e das Artes liberais, para o timpano central, e para um infindade de pavilhões e palacetes de todos os estilos que se acham espalhados pelo Campo de Marte, e pelo casal d'Orsay até o esplanado dos Invalidos.

E' a atitude curiosa dos visitantes na torre do Trocadero, o que o nosso colaborador Vierge soube traduzir admiravelmente.

O seu lápis encontrou sempre efeitos imprevistos, e apesar da parcialidade que lhe uniu o brago direito, vendo-se agora obrigado a desenhar com a mão esquerda — Vierge é ainda o mesmo Vierge que foi o mestre dos desenhistas aqui há doze anos e que tantos discípulos fez tanto em Espanha como em França.

### O PATRÃO JOAQUIM LOPES

Publicamos em seguida a carta que a Vereação do conselho de Oeiras, constituída em comissão para erigir um monumento ao patrão Joaquim Lopes, — acaba de enviar ao nosso prezado colega de Lisboa, *Diário Popular*.

Gostosamente a transcrevemos nas colunas da *Ilustração*. E fazendo-a acompanhar com um retrato do patrão Joaquim Lopes, — damos assim um público testemunho do muito que respeitamos esse nobre, valeroso e honesto velho, cujo peito se acha constellado d'aquelas medalhas que só se conquistam pela coragem e pelo valor... e nunca pelas intrigas de ministérios, nem por bajulações em paços reses.

Medalhas de salvação! São aquelas diante das quais todo o homem tem obrigação de se descorbrir! São aquelas que só se obtém porão em risco a própria existência...

E só d'osss se acha constellado o peito do Joaquim Lopes...

### Eis a carta:

**Sr. Redator** — A câmara municipal do conselho de Oeiras deliberou em sessão de 23 de agosto de 1888, por proposta do seu presidente, promover uma subscrição nacional, para levantar em Pago d'Arcos, um pedestal à memória do seu prezado conterrâneo e heroico patrão Joaquim Lopes, e para isso se constituir em comissão só de levar a efeito tal idéia.

Demontar o fundamento e a justiça d'esta deliberação seria empilhar-se a honrosa história das grandiosissimas feitos humanitários do valente e desempenho marinheiro, feitos não só conculcantes na nossa querida pátria, mas que também acharamos entre nos países estrangeiros, onde existem hoje, de certo, individuos que devem ao seu elevado e humanitássimos sentimentos, e poderiam ainda abranger um parâmetro estremecido ou um amigo dedicado.

Atestam estes altos serviços as honrosas medalhas que lhe ornam o peito, onde se abriga um coração que nunca soube ambigüez, nem odios, mas unicamente uma dedicação cego pelo próximo.

Fazer aqui a história d'um dos marinheiros mais valentes e desempenhos que, nestes últimos cinquenta anos, tem havido, seria duvidar de quanto v. ame e estimeis o rudo que envolvece e eleva o nosso estimado país, nos olhos de portugueses e estrangeiros. Portanto não a faremos.

Poderia parecer estranho que se pretenda fazer a apontar em vila d'um, vencendo filho do povo, embora justamente merecida.

Diremos que achamos sympathicos a idéia por podermos pagar uma homenagem pessoal aquelle que tantas misericórdias. O facto, todavia, tem precedentes digníssimos, nomeadamente a apoteose de Vitor Hugo.

Portanto os vereadores da câmara d'Oeiras, constituidos em comissão, deliberaram, como mais um merecido prêmio ao herói a quem tem a sublita honra de se referir, abrir a subscrição nacional, para o fim acima exposto, no dia do seu aniversário natalício. Por isso os indivíduos assinados se dirigem a v. como dirigiam o redactor do *Diário Popular* pedindo a eminente finesse da sua dispensa a sua valiosa coadjutora abrindo uma subscrição para o fim indicado no dia 10 de agosto do corrente anno.

Certas das altas qualidades que distinguem a v. e expandindo por isso a adesão de v. ao pedido que vem de consigo, a comissão tem a honra de se submeter

De v. etc.

Oeiras, pagos do conselho, 18 de julho de 1889.

A vereação do conselho de Oeiras, constituída em comissão para levantar um monumento ao benemérito patrão Joaquim Lopes.

O presidente, Joaquim Moreira Rato; o tesoureiro João do Melo Marques; os vogais, Luiz Antônio Teixeira de Vasconcelos, Pedro Augusto; o secretário, Ignacio Castanho Alves d'Arguedo.

### UM FOGO D'ARTIFÍCIO NOS JARDINS DE VERSALHES

Não é só em Paris que as festas da Exposição tem sido brilhantíssimas. E' também em Versalhes, e com justa razão por que foi de Versalhes que em 1789, subiu o primeiro grito de liberdade, porque foi de Versalhes onde há um século se reuniram os Estados-gerais a que presidiu Luiz XVI, que saiu o primitivo impulso para a Revolução francesa.

Numa das ultimas festas de Versalhes queimou-se um bello fogo de artifício no parque e jardins, sendo illuminados os famosos jogos d'água do palácio de Luiz XIV por focos de luz eléctrica.

E' este aspecto phantástico dos jardins, no momento em que se queima a grande pega final, que o nosso desenhorador surpreende com raro felicidade, dando uma perfeita idéia do maravilhoso d'esta festa nocturna.

### A TEMPESTADE NA GRANDE OPERA

No dia 6 d'agosto realizou-se no Grande Opéra de Paris a recita de gala oferecida pelo Presidente da República Francesa, a Sua Majestade o Schah de Pérsia.

O sr. Carnot que está recebendo os seus hóspedes illustres mais como um grande seigneur, do que como um simples cidadão, entendeu que para esta recita de gala não se deviam vender bilhetes, como geralmente se faz por todo a parte (em Lisboa, por exemplo) e alegou toda a sua. E todos os espectadores eram convidados pelo Presidente e por Madame Carnot.

Os cartões de convite eram assim concedidos:

*Monsieur le President de la République et Madame Carnot prient M... de vouloir bien lui faire l'honneur d'assister à la représentation de Gala qui aura lieu au Théâtre National de l'Opéra, le mardi 6 août, à 9 heures du soir.*

■ Fauteuil Fauteuil n.º...

esta recita de gala dada em honra do Schah e a qual assistiu o mais esplêndido público, compunha-se do 4º acto do *Cid* de Massenet, e o baileado a *Tempestade*, musicas de Ambroise Thomas, sendo o assumpto extraído de Shakespeare pelos srs. Jules Barbier e Hassen.

Com todos os grandes baileados, este baileado também é bastante incomum e bastante fatigante, apesar de todo o talento do Ambroise Thomas. Mas como está posto em cena dum modo maravilhoso, e é admiravelmente executado por parte das srs. dançarinas Rosita Mauri — o baileado ainda se suporta.

Mas o grande atractivo é a *musical-comédie*. Nunca a Grande Opéra de Paris, que é aliás famosa n'essa ponta, atingiu um tal esplendor de scenário, costumes e machinismos.

A nossa gravura representa uma das mais bellas cenas da *Tempestade* — a *neccada Somno*, quando os espíritos dos Tírios baixam à Terra, e quando o Ariel põe um pé sobre o peito de Caliban o verso pelo somno. A cena iluminada n'esse instante por um luar azul é dum efeito surpreendente. De resto podem juzgar pela belleza d'este ensaio sem igual, graças ao magnífico desenho de Adrien Marie.

Mas o que constitui o clímax do baileado, o que chama a *Opéra* milhares e milhares de espectadores, é a apoteose, a cena final, quando sobre a cena que representa o mar entra um navio, todo enigmátilo, de flores e bandeiras, e trazendo a bordo a mais formosa e a mais tentadora tripulação. Basta dizer que a carreira do navio é representada por uma lindissima figura, vestida de sereia, grandes madeixas das cabelllos louros caídos ao vento, e o peito vestido por uma corona de lantejoulas d'olho...

Este navio tem 16 metros e 50 cent. de comprimento. E' um navio a vapor, que entra pelo fundo do theatro do lado direito do espectador, vira de bordo e avança para o público como se fosse impenitido por uma onda, até à boca da escena, dando uma perspectiva ilusão de que vem cortando as vagas.

Natadas, fados do mar, genios graciosos vem nadando em torno de imensa e graciosa embarcação, que traz a bordo um mundo de espíritos harmoniosamente agrupados... O efeito é dos mais imprevisíveis e dos mais surpreendentes. E este quadro final da *Tempestade* constitui uma verdadeira obra-prima de machinismo theatral, como há muito não tínhamos visto em theatres de Paris e Londres.

O Schah da Pérsia mostrou-se muito interessado com o espetáculo, — mas o que mais parecia interessá-lo era a plasticidade das dançarinas, que o seu bâncalo percorria com uma assiduidade verdadeiramente oriental.

O Schah, para esta recita, deu-se ao incommodo de nos mostrar as suas pedrarias. Sobre o peito d'esta figura só se vêiam brilhantes e esmeraldas d'uma grossura extraordinária. Nenhuma loja de joalheiros de Paris ou Londres é capaz de mostrar na sua vitrine tanta riqueza, como a que o Schah exhibiu n'aquela noite.

N'esta recita de gala na Grande Opéra que ficará famosa entre as festas das quais por ocasião da Exposição, vimos ali Conde e Condessa de Valbom — Carlos Leão d'Avila — Conde d'Azevedo da Silva — Bacio de Penedo — Visconde e Viscondessa de Cavalcanti — Edmundo Peado — Geraldo Augusto Pety — Alfredo Meneses da Silva e Esposa — Sant'Anna Nery — Rafael Bordalo Pinheiro — e Mariânia Cyrillo de Carvalho e sua Esposa; mas não assistiram à recita por se achar em Lisboa o sr. Mariano de Carvalho.

### A DANÇA DO VENTRE NO CAFÉ EGYPCIO DA RUA DO CAIRO

De todos os espetáculos exóticos que a Exposição de Paris nos oferece, um dos mais concurridos está sendo a chamada dança do ventre, dançada por uma authenticâ alme, a alme Aïnâdje, no café egípcio da rua do Cairo — rua que os nossos leitores já conhecem por um desenho que publicamos em tempo na *Ilustração*, quando essa rua se abriu de construir.

O Oriente está na moda, o Orientálisante o Occidente. E os europeus que n'esse momento inundam Paris, correm para à dança do ventre com o mesmo empenho com que correm para a torre Eiffel.

Eis em que consiste este espetáculo exótico e

extravagante: Entra-se para uma vasta barra feita de estofos orientais, iluminada por lampadas d'estilo — de resto auxiliadas por globos de lux eléctrica.

Ao fundo, sobre um estrado guarnecido de enormes almofadas, estão as *alinas*, e por detrás d'elas, as portas cruzadas à turca, vêem-se sentados os músicos da orquestra. Uma das raparigas levanta-se e avança; os braços rebentam de todos os lados misturados com os gritos e guinchos dos músicos que pretendem assim excitar a dançarina...

A *aline* está vestida com fuzendas de lã e de seda de cores vivas; inclina-se; estende os braços como para se esparguir molhado; depois aproxima-os em arco da sua cabeça, fazendo tilintar os *crotalos* de metal que tem nas mãos. E começa uma série de movimentos extravagantes e lubrificos, de que dão uma vaga ideia certas danças sensuais da Andaluzia. O ventre começa a agitar-se, a tremer, a ser sacudido repetidas vezes; todo o tronco se agita e se extorce; só a cabeça se conserva impassível, porque sobre a cabeça a *aline* tem o equilíbrio de uma garrafa sem rolha, e cheia de líquido.

Um viajante conta que estas dançarinas pertencem em grande parte à tribo dos Uled-Nails, e que abandonam muito novas a família para percorrerem o mundo. Quando ganham o que elas consideram como dote, voltam ao país natal, e tornam-se excelentes esposas e boas mães de família.

Talvez... Mas não nos parece que os diversos exercícios e movimentos a que obriga a dança do ventre, sejam um elemento eficaz para as funções e deveres da maternidade...

Ponhamos de parte as considerações que



O PATRÃO JOAQUIM LOPES.

as alíndas nos poderiam agora sugerir, — e contemplemos o desenho do nosso colaborador Adrien Marie, desenho primoroso pelo seu vigor, pelo seu colorido, e pela fidelidade com que reproduz o estrado do café Egípcio da rua do Cairo, onde tem lugar todos os dias todas as noites a famosa dança do ventre.

#### BELLAS-ARTES. — "A ONDA."

O nosso jornal tem andado tão cheio de assuntos de pure *reportage*, desde que abriu a grande Exposição de Paris, que nós receuemos cahir no desagrado d'aqueles dos nossos leitores que preferem o *reportage* as gravuras puramente e exclusivamente artísticas.

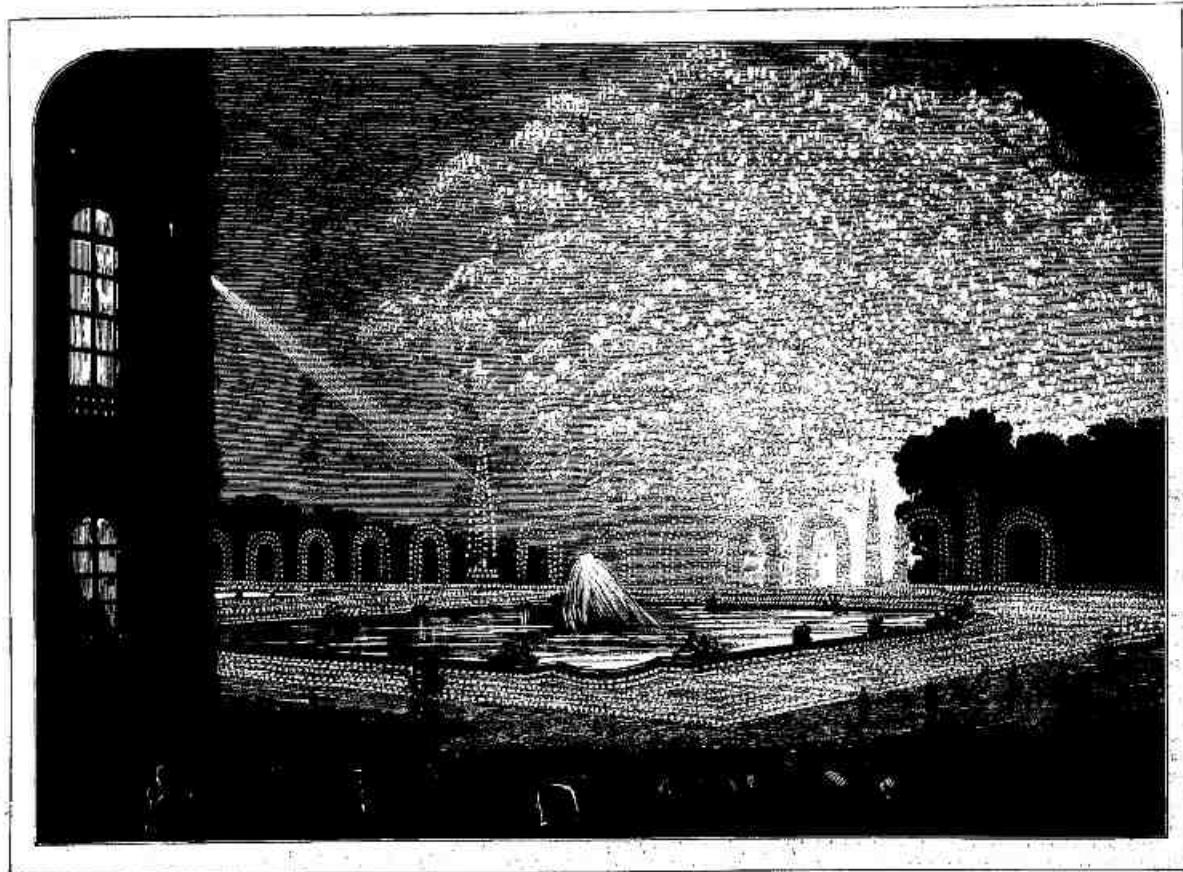
Bem sabemos que a maioria dos nossos assinantes só quer ver Exposição e mais Exposição. Mas também é de justiça não esquecermos que a *ILLUSTRAÇÃO* mereceu o sufragio do público, graças ao cuidado com que se ocupava de coisas d'arte.

Para que não digam que fugimos ao velho programa e à tradição, publicamos hoje uma gravura do belo quadro a *Onda* de Madame Damont-Bretton, a filha do grande paisagista francês Jules Bretton.

O quadro é soberbo, lembrando pela rudesia, pela simplicidade e pela larguezza, a famosa *Onda* de Courbet, que faz parte das colecções do Luxemburgo. E a gravura é simplesmente admirável. O que não é para surpreender, por que traz a assinatura de Charles Baude.

#### O SCHAH DA PERSIA EM PARIS.

Parece-nos interessante mostrar aos nossos leitores o interior dos aposentos que o



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — UM FOGO D'ARTIFÍCIO NOS JARDINS DE VERSALHES.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — GRANDE OPERA. — A SCENA DO SONHO NA «TEMPESTADE».  
Bellado de Jules Barbier e Hansen, música de Ammons Thomas, representado na recita de gala do dia 9 de agosto, em honra do Schah da Persia.

Schah da Persia ocupou em Paris, no palacete da rua Copernic que o governo francês alugou, mobiliou e pôz à disposição do Schah, com o respectivo pessoal de cozinhas, com criados, guardas e soldados.

O palacete por fôra nada tinha de extraordinário. Era do mesmo estylo dos palacetes franceses do bairro da Estrela. Mas dentro, o quarto do cumo do Schah, e o salão que servia também de sala do trono achavam-se magnificamente mobiliados, com uma riqueza capaz de rivalizar com as coisas do Oriente, — d'esse falso Oriente que afinal é uma pocição, a julgar pelos usos e costumes dos seus habitantes.

Basta dizer-lhes, para fazerem uma ideia do que são os orientais — que o Schah almoça e janta de pé, racha com as mãos as peças de carne que mais lhe sorriem, e deita os restos para o meio do chão! Assim procedia no seu palacete em Paris...

Da cama que os nossos leitores vêem em gravura nunca elle se serviu. O Schah dormiu sempre pelo chão, em cima d'um enxergão que trazia na sua bagagem.

E no que diz respeito a accio do corpo, durante quinze dias que esteve em Paris, só uma vez foi tomar banho no Hammam...

O que não impede que seja considerado o Rei dos Reis...

#### A ALDEIA « CANAQUE » NA ESPLANADA DOS INVALIDOS

N'um grande suplemento mostrou a ILLUSTRAÇÃO aos seus leitores o ensemble da exposição colonial na Esplanada dos Invalidos. Agora tratemos de lhes mostrar aspectos especiais das diferentes exposições exóticas que ali se admiram.

Hoje mostramos-lhes a aldeia dos canaques — d'estes figúros que vivem sempre nus, e que preferem à carne de vitela a simples carne humana...

Mas não vão agora pensar que em Paris se mata agora gente para alimentar estes amáveis anthropophagos; e que se o governo faz uma tamaola guerra a Boulanger e a Rochefort, é porque os dois se recusaram a ser servidos com batatas fritas à meza d'estes terríveis selvagens...

Não se assustem! Os sete pretos e as treze pretas que povoam a aldeia canaque ou caledonense, falam quasi todos o francês, e tem prestat grandes serviços à colónia francesa da Nova-Caledonia. Um d'elles, de nome portuguez Pitta, um bello preto de estatura formidavel, é o filho de Gelima, chefe d'uma importante tribo, que em 1873 ajudou as autoridades francesas a repremirem uma terrível insurreição dos degradados, e recebeu do governo da Republica uma medalha d'ouro em recompensa da sua fidelidade e dedicação.

As cabanas cobertas de palha de milho e trigo são muito pittorescas; umas elevadas e terminando em ponta, são as cabanas do chefe; as outras mais baixassão as do commun dos mortaes. Diante de cada porta estão collocados blocos de madeira d'alturas diferentes, grossamente esculpidos e pintados: são os tabus, especie de fetiches e de ornamentos com que os canaques costumam guarnecer o doçor as suas habitações.

O aspecto d'esta aldeia caledoniana é dos mais pittorescos. E quando olhamos para as maravilhas coloniais que a França exhibe nos Invalidos, e pensamos que nós, portuguezes, nada sabemos mostrar nem das riquezas, nem do pittoresco que possuímos em África, — deveras se nos confrange o coração, receando pelo dia em que havémos de ser expulsos das nossas colónias, se um homem incógnito não surge em Portugal para transformar totalmente os nossos sistemas coloniais.

#### A TRAVEZ DE PARIS

Ainda o Schah. — Schah for ever. — Salifou e a cronica. — O Schah e o corpo de baile. — Uma prova delicada. — Um tyrano alegre. — Félix Pyat. — Onde a ternura se vê anichar. — Como se evita uma penuria. — As avenuras d'uma horizontal.

**O** PAPALVISMO parisiense acaba de dar um desmentido cruel à allocução pouco circumspecta que me permitiu dirigir na minha ultima chronica ao schah! A paemiceira forço so me é confessal-o, excedeudo a nossa expectativa. Enfonce! Salifou e toda a mais preulhada. O schah é actualmente



GRANDE OPERA. — O navio da *Tempestade*.

o rei de Paris, o *gued!* O que elle diz, o que elle faz, o que elle come, o que elle bebe, eis o que todo o bom parisiense sabe logo pela manhã, á hora do chocolate. Os jornais abriram uma secção especial — *La journéa du schah* que o rei dos reis se diverte todas as noites em recordar cuidadosamente e em collar no seu *Scrap-book*.

Um *cabotin* no fundo, este soberano de magica. O seu genero de pose consiste em olhar para tudo com um semblante impassível, e em virar de repente as costas, pondo-se ao fresco. E assim o grande ar em Tcheran. Lá por dentro, anda preocapidissimo com o que dizem d'elle os jornalistas. Salifou é a mesma coisa. Ha dias ofereceram-lhe uma coleccão de todos os artigos publicados a seu respeito. O pratalhão aceitou com as mãos ambas. Mas quando lhe apresentaram a conta (140 francos) pôz-se como uma bicha e declarou que não pagava.

O schah n'este ponto é irreprehensivel. Compre tudo o que lhe oferecem e paga-o pelo dobro do que lhe pedem. Os seus passaços à exposição vão necessitar a criação d'um novo imposto na Persia. Ha dias encontrou ao pé da torre Eiffel um preto que vendia uns oculos de papel pintado em vez de vidros, reclames a um industrial qualquer. O schah, seduzido, mandou que um dos seus famulos possezes os ditos oculos no nariz. O efecto agradou-lhe de certo, por que os pagou por dois luizes. Os oculos valiam dois sous.

Ha dias submeteram-n'lo a uma experencia interessante. Llevaram-n'lo a cavilosamente ao foyer de dança da Opera, e meteram-no n'um círculo de homens nus, de corpetes de gaze, e de per-

nas cór de rosa. E' preciso confessar que se salvou bem d'essa prova difícil. Foi paternal e affável, e nem se mostrou acanhado, nem... temerario. Contentou-se com aplicar algumas delicadas palmadinhas no rosto das mais bonitas, e quando lhe pareceu tempo, voltou costas e foi-se embora. Dizem que é custo, tanto quanto o pode ser um homem que tem 4 esposas e 4 concubinas. Mas na Persia é raro ser-se rão... modesto. O avô d'ele, Teth-Ali-Schah, de putusca memória, tinha 400 favoritos no seu harem. Esses 400 favoritos deram-lhe 700 filhos! Um detalhe comicco. Conta-se que n'um certo dia oito das odaliscas tiveram o seu bom sucesso ao mesmo tempo!

Para ocupar os ocios das suas 400 esposas, o avô de Nasser-ed-Din imaginara um passa-tempo original. No seu castello de Nagaristan manda instalar uma especie de plano inclinado, feito de porphiro polido, extremamente escorregadio. Esse plano conduzia á grande piscina onde se banhavam as sultanas. Estas, no mais primitivo dos trajes, deviam escorregar pelo declive polido e cabrirem finalmente na piscina.

O schah, entretanto, mollemente reclinado em coelhos, fumando o nargileh, seguia com um interesse facil de comprehender esse jogo de montanhas-russas de novo sistema, divertidissimo com os gritos e atitudes mais ou menos suggestivas das suas odaliscas.

Digam-me depois se vale realmente a pena ser rei constitucional!

., Grande baixa nas acções de minas de petróleo! Morreu Félix Pyat. E' um luto para as

almotollas. Em compensação o infame capitólio tripudia de jubilo. Félix Pyat era depois da morte de Blanqui, o mais perfeito specimen d'anarchists hirsuto e trovejante que nos restava. Passava annos da vida na *palha humida* das massmorras e comendo o pão negro do exílio. Estas duas metáforas —assaz conhecidas, eram ainda assim as melhores da sua rhetorica de meetingueiro. Tinha 79 primaveras e estava falso como nos annos ternos. Durante a comunha, o aspecto da sua guedelha branca e da sua face cabelluda de homem-cão era uma das curiosidades de Paris. Foi um dos grandes ebrios d'essa orgia ensanguentada —ebrio sobreiro de palavras, de discursos incendiários, d'apostrofes furibundas. Como maior parte dos agitadores, era, ao que parece, extremamente prudente, e foi por varias vezes acusado de haver mostrado, na hora do perigo, nervos... um pouco mais sensíveis do que convém a um revolucionario. Mais feliz que Raoul Rigault, consegue escapar ao pelotão de Satory e foge para Inglaterra onde os jornais lhe levam um dia a noticia da sua condenação à morte. Alguns annos depois, o decreto de amnistia abre-lhe as portas da França. Está septuagenario já — e mais furibundo do que nunca. Marcella manda-o ao parlamento; e durante dois annos o velho petroleiro consegue ser o mais iluminado, o mais excessivo, o mais violento dos energumenos que o compunham. A ultima vez que lá ergueu a voz foi para pedir a amnistia de Berezowski, o polaco que tentou assassinar o czar durante a Exposição de 1867. Era por esta forma que Félix Pyat pretendia agenciar a aliança franco-russa.

Na sua mocidade, Félix Pyat commettera varios dramas um dos quais, o *Trapeiro de Paris*, teve um exito doido mesmo em Portugal onde as pretenções socialistas da peça passaram desapercebidas; era porém um grosso drama romântico-sentimental, e a Baixa deliro. Além do *Trapeiro* e de outros dramas, Félix Pyat escreveu varios pamphletos num estyo de lunático.

Era em todo o caso uma singular figura este velho refractario que conseguira chegar às mais geladas steppes da vida levando intactos os entusiasmos, os ilusões, os amores e os ódios da mocidade, e cuja existencias se pode talvez definir por esta forma — uma barricada que durou 80 annos!

Levou tal sumiço um beleguim, que a polícia parisiense ainda lhe não pôde encontrar o vestigio. Não era um oficial de diligencias vulgar o sr. Gouffé, que possuia uma fortuna de trezentos mil francos em excellentes valores de *deas-de-família*, e que fazia quarenta mil francos de honorarios todos os annos. Quando constou o seu desaparecimento, julgou-se a princípio que elle tivesse comido a *grenouille*, o que em argot parisiense, exprime a situação do depositario infiel que dissipou os valores que lhe foram confiados. A rã, porém, o maravilhoso estava intacto. No cofre de Gouffé existia não só toda a importancia de que elle era responsável, mas uma fortuna pessoal d'elle em excelentes titulos, como já disse. N'esse caso, por que desapareceu Gouffé? Não se sabe.

Imagina-se um crime. Gouffé tinha um fraco. Era um beleguim terno, e um venusíaco infantil-gavel. A lista das suas relações amorosas se não chegava ás *mille e tre* de D. João, attingia com tudo algarismos extremamente respeitaveis. As funções de seu cargo forneciam-lhe occasões unicas, que o marav não deixava escapar. Quando elle surgia, fatal como o destino, no dia do vencimento das letras, à porta dos pequenos palacetes do bairro Monceau onde vivem as *belles petites*, era muitas vezes convidado a entrar e admitido á presença da gentil devadora. Scena muda. Gouffé sacava do bolso a temerosa folha de papel do lado, e exhibia-a com um gesto implacável. A devadora encolhia os hombros e abria os braços como no encantador desenho de Forain que tem por legenda —

*La plus belle fille du monde ne peut donner que ce qu'elle a.* Quando Gouffé partia, a leitura estava paga, mas não em especies sonoras e illitantes. Gouffé, chegando ao scriptorio, indenizava do seu bolso o estofador, o joalheiro ou a modista, e inscrevia no seu conhinho donjuanesco *uma nuova conquista*. Já veem que era simples como bons dias.

Isto consolava Gouffé do desprestigio da sua profissão. Em França o *huissier* é com efeito universalmente detestado. O instincto popular vê n'ele uma especie de carasco do civel, quasi tão hediondo como o outro. A conhecida resposta de Dumas pae a quem pediam dez francos para ajuda do enterro d'um *huissier* : — *Tomen la 20 e enterrer dois!* — exprime comicamente esta repugnancia que ató certo ponto se explica pela brutalidade com que estes officiaes de justica desempenham por vezes o seu mister. Gouffé parece que era uma excepção, como já disse. Ater de desaparecer um *huissier*, é realmente pena que tivesse sido elle. Esperemos ao menos como as lindas moradoras dos bairros galantes, que este eclypse não seja absoluto, e que Gouffé ressurreja em breve, mais terno, offusel e sensivel do que nunca.

— Cá a temos outra vez! Mas quem? Ora quem ha de ser senão essa encantadora Mlle. de Sombreuil, cujas façanhas tantas vezes tido sido narradas na chronica parisiense. Não ignoram os leitores que esta horizontal de marca, cuja ligação com o deputado Vergoin pertence já egoira á historia da terceira e publica, foi expulsa de França ha 2 ou 3 annos em virtude de um mandado regular da polícia francesa. Mlle. de Sombreuil juro que tal expulsão não se efectuaria. Assim que os dois gendarmes encarregados de a collocarem do outro lado da fronteira viraram costas, tomou rapidamente o *sleeping* para Paris. Disse depois a polícia deitava-lhe a unha outra vez. A partir d'esse momento a existencia da bella horizontal converteu-se num verdadeira pantomima de *clown*, gerao Lauri-Lauri, com a classica perseguição de fantoche vestido de preto e calçado de escarpins de metro e meio, que se esgueira pela portinhola d'um fiacre com quatro *policemen* á perna, se enfa por uma janella, para surgir do dentro d'um relógio de parede e engatinhar, sempre seguida pelos quatro *policemen*, por uma escrâmine acima! Mlle. de Sombreuil e os seus dois gendarmes ofereceram o mesmo aspecto acrobatico e clownesco. Cinco vezes foi visto este grupo extravagante tomar o caminho da fronteira Belga. Cinco vezes, vingativa e lepidamente referida *paralella* (paralella é na geometria de Breda-Street synonimo de horizontal) reapareceu no asphalto parisiense a escarnecer da magestade da justica. Multas, admoestações, alguns annos de exilio mesmo, não conseguiram demovê-la da sua ideia fixa. Ela quer Paris e só Paris.

D'esta vez o seu caso complica-se.

Mlle. de Sombreuil fora expulsa como extrangeira, visto ser a mais cabeguda das subditas do rei Leopoldo. Para adquirir o estatuto civil frances, era-lhe necessário achar alguém que a desposasse. Mas onde encontrar esse homem desemido e sem escrupulos pueris? Procura e acha-los, diz a Biblia, Mlle. de Sombreuil procurou e achou um pobre diabo, que desejava entrar para uma especie de asilo particular, mas que não tinha senão metade da somma necessaria. Em troca da outra metade, elle estava promprio a casar com Satanaz em pessoa, e Mlle. de Sombreuil pareceu-lhe mesmo um bom partido. Esta união esperançosa não chegou porém a realizar-se. Ao que parece a sympathica maluca começara por se apoderar das economias do velho, e entrou n'ellas com tal aancia que o unico asilo a que elle pode agora aspirar é o da mendicidade. A polícia interveiu no caso sobre a denuncia d'um certo señor B. em casa de quem Mlle. de Sombreuil se installara, e de casa de quem se não queria ir embora nem a mão de Deus Padre.

Esta embrulhada vai ter em breves dias o seu desenlace correcolomel. Mlle. de Sombreuil apanhará alguns mezes de cadeia, e será de novo reconduzida á fronteira. Em segunda vo que, elle se apressará a voltar a Paris e a pantomima recomeçará.

A justica devia ter espirito uma vez na vida e dor-se por vencida. N'essa lucta que já dura ha dois annos, a interessante horizontal tem a opinião pelo seu lado. Mais cedo ou mais tarde, elle sempre ha de encontrar alguém com quem se case, e a polícia não terá remedio senão deixá-la entrar triunfante na sua boa cidade de Paris. Consentindo desde já n'esse capricho, a polícia poupara uma vítima. Esperemos que esta consideração humanitaria influira na sentença dos futuros juizes.

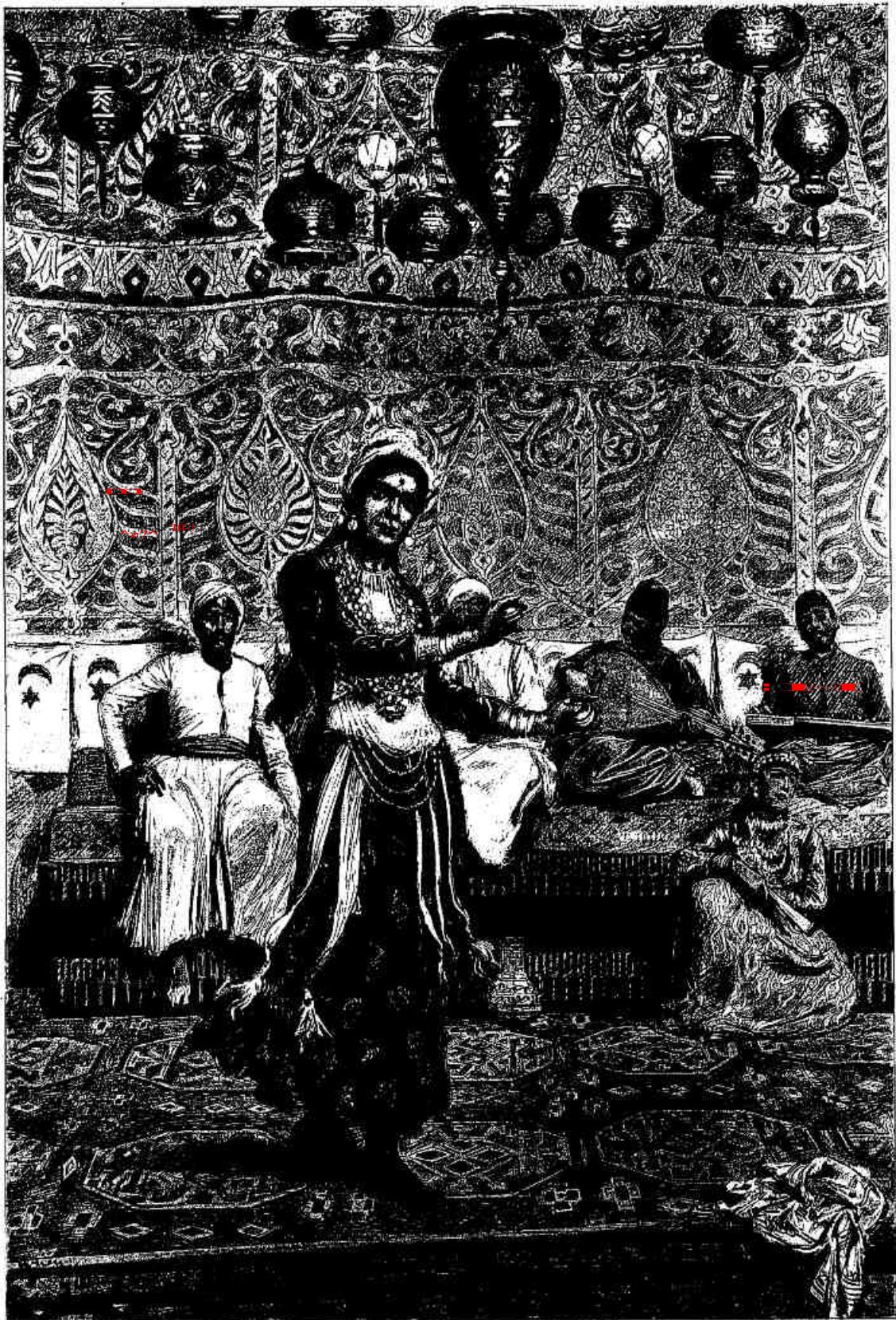
GIESS.



## O CERCO DO PORTO

**H**AVIA tres dias que o Marechal Solignac desembarcara no Porto com alguns soldados belgas, e com elles entrou tambem para dentro do cerco um terrivel inimigo — o Cholera-morbus. Aos ifios, que já devastavam a cidade veiu ajuntar-se mais essa desolação para tornar mais completo o triumvirato da morte. De cem pessoas atacadas diariamente succumbia o terço. A fome ia chegando ao desespero, porque além das forças inimigas, desde janeiro que os vendavaes bloqueavam a barra. A' falta de carne os doentes eram sustentados a sopa de bacalhau, os cuidos temperavam-se com assucar e aguardente; as camas eram desfeitas para sustentarem a cavallaria; e além dos preços dos generos mais urgentes os mercieiros vendiam falsificações doentias taes como de azeite e oleo de linhaça, ou de manteiga e cebola. Era preciso lutar com a fome, e em fevereiro começou a distribuir-se uma sopa económica, de um quarilho de caldo de feijão com arroz e farinha de trigo; no primeiro dia accudiram trezentas pessoas, ao segundo subiram já a setecentas as rações. Entim, desde a perda do reduto de Monte do Crato, que Solignac apenas conservou oito horas, as condições de resistencias da cidade tornaram-se desesperadas; derrotado tambem na sua tentativa de assalto ao Castello de Queijo, em 24 de janeiro, a consequencia desastrosa fez-se logo sentir: o inimigo comprehendeu que fechando a barra do Porto venceria o cerco pela fome. Para isso fortificou quasi toda a costa e levantou a terrivel bateria de Serralves, que cortava toda a comunicação com a Foz. Pelo seu lado os liberaes reforçaram o reduto da Senhora da Luz e ocuparam imediatamente as alturas do Pastelleiro e do Pinhal. Mas a resistencia in-se tornando cada vez mais inutil, porque além da chuva de granadas que caia dia e noite sobre a cidade, além da recrudescencia do Cholera, para o qual já não bastava o hospital da quinta dos Congregados, o mar conservava-se tão tempestuoso que não era possivel aparecer vela alguma no horizonte! Foram quarenta dias sem esperança, quarenta dias em que esteve tudo perdido, menos a força moral.

A historia oficial, subordinada á execução dos boletins de campanha, não allude a este periodo dos quarenta dias do principio do



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A DANCER DO E VENTRE NO CAFÉ CONCIÉGNE DA RUA DO CAIRO.



**BELLAS-ARTES. — A' BEIRA-MAR. — A ONDA.**

**QUADRO DE M<sup>E</sup> DUMONT-BRÉTON.**

anno de 1833, e comum nesse período de desolação extrema é que se praticaram os maiores rasgos de valédez moral: todos foram heróes, as mulheres e os velhos. E pena, que homens de talento de Garrett e de Hercolano, e mesmo generais que sabiam trocar a espada pela pena e que foram heróes nesses grandes dias de sacrifício, nunca se lembrasse de colligir as sublimes tradições épicas que ainda casualmente se repetem do céu do Poeta. Essas tradições vão-se perdendo com toda a poesia de um povo que se esquece do seu passado. Contar-emos um desses explendidos episódios desconhecidos dos historiadores, mas conservados ainda na vida borguesa do Porto; pintar-nos o espírito de resistência com que a cidade se achava nesses quarenta dias de combate.

A 4 de março as tropas de D. Miguel foram atacar as posições dos liberais na Foz, seguros de que era já impossível sustentar mais tempo; no meio da sua hallucinação os atacados tomaram a ofensiva, e os rebeldes retiraram-se deixando duzentos mortos no campo. D. Pedro, que gastava os seus esforços em conciliar os generais despeitados, apareceu sempre em todos os momentos do conflito. Era junto dos soldados, ao pé dos voluntários borguezes, que ele readquiria confiança, e se mostrava alegre, presentindo o triunfo da causa da liberdade. D. Pedro apareceu na bateria da Luz; foi ali que se lhe tornou reparável um velho que ele encontrava sempre vagabundo pelas linhas, nos pontos em que eram mais rentados os ataques. Notou que o velho andava desarmado, e observando diligentemente, não pôde deixar de dirigir-lhe ao velho com um interesse e familiaridade em parte provocada pelo aspecto venerando e cheio de auctoridade:

— Amigo! que faz você por aqui?

— Senhor, tenho aqui nas linhas um filho.

— Bem; então ande por ali à vontade se não tem medo das balas.

— Medo das balas? Isso são contentos de notado. Não tivesse eu cá os meus setenta e quatro, que outro galo cantaria.

— O seu filho, vê-o d'ahi?

— Por ora ainda o vejo. Não estou aqui por ter medo de perde-lo; é para ir socorrer as mulheres, as irmanas, que sempre estão com algum cuidado. Querem saber alguma coisa das linhas.

Este dialogo foi interrompido por um toque de carga à baioneta; pôde-se imaginar quem trouxe para a cidade a noticia do triunfo. Chegou o terrível dia 24 de maio; estava acabado de construir o reduto das Antas, guardado apenas por trinta soldados de caçadores. Nisto as tropas inimigas, em número de dois mil homens, tomaram o reduto das Antas! Era preciso desapossá-los, a todo o transe, e de facto não puderam conservar o reduto além das três horas da tarde desse dia. Infanteria trez, nove e dez, quarenta lanceiros, e um batalhão inglez cumpriram o seu dever; foi uma refrega azeor. O monte das Antas ficou juncado de cadáveres; mais adiante na Casa Negra era ainda maior a carnificina.

Foi no combate de retomada das Antas que D. Pedro tornou a encontrar o velho borguez; já lhe haviam dito como se chamava. Era o contente do ouro, o tipo do antigo homem bom, chão e abonado, como

o caracteriza a Ordemação do reino; chama-se Cosme Martins. Assim que D. Pedro deu por elle no trapo, destacou-se dos officiaes e veio falar-lhe:

— Outra vez por aqui com este fogo?

— Tenho cá um outro filho.

— Um outro filho? Como se chamam os rapazes?

— Na bateria da Luz é o meu Eduardo, tem dezenove annos feitos.

— Pode com a espingarda. E o outro?

— Estou aqui nas Antas; é o meu Thomaz, já formado em leis.

Em meio da conversa D. Pedro foi interrompido por uma dessas circumstâncias que se dão em todo o campo de batalha; vieram contar-lhe como se achava uma carta na algibeira de um morto por onde se sabia que era o maior dos Realengos de Trancoso. Não se tornaram mais a ver.

A noite de abril descobriu-se a longa estada feita pelos miguelins desde as primeiras casas de Paranhos até à Covelo. Queriam fortificar-se ali; não havia tempo a perder; era preciso desalojar os. A artilharia dos liberais começou a responder desde as nove da manhã, e durou o fogo até às seis da tarde. Cruzaram-se as baterias da Glória, do Pico das Medaças, do Serrão, da Aguadeira e de S. Brás. Uma força de mil homens saiu forte das linhas para tomar de assalto o monte de Covelo, que os inimigos abandonaram. Porém no dia 10 os miguelins voltaram com intuito de retomar os pontos perdidos, onde os liberais tinham levantado um reduto em menos de oito horas. Estavam lá dentro apenas duzentos soldados; foram atacados por mais de dois mil dos rebeldes, que chegaram até dez passos de distancia. No meio do fogo quase a queima roupa, jogavam-se os insultos que tornavam mais violento o ataque; perguntavam-lhes se traziam os saccos para fazerem a pilhagem da cidade. Foram momentos decisivos; duzentos homens livres poderam esmagar dois mil janizários.

No meio desse implacável desbarato, andava D. Pedro, e quando tornou a avistar o velho, que estava envolvido em um antigo capote de camelio, surriu-se para ele como quem o tomava já como um preságio de felicidade. E enquanto se tocava a reunir, D. Pedro foi para ele, esfregando as mãos:

— Olá, bom homem.

— Senhor D. Pedro. Elles hoje é que pagaram o vinho.

— E bem pago. Então você tem por cá mais algum filho?

O velho não pôde deixar de sorrir com a pergunta maliciosa, e respondeu com uma serenidade:

— Tenho aqui mais outro filho.

— Outro filho, homem! De dous sei eu.

— Este é o que me ajudou no officio; ficou de homem para hoje no reduto do Covelo, e já sei que está só como um pér...

— Parabéns, amigo, parabéns. Com que então, na bateria da Luz, um; no reduto do Monte das Antas, outro; no Covelo...

— É o meu filho Cosme.

— Ainda tem mais algum?

O velho sorriu-se, como quem buscava atenuar uma frase que pôde ser tomada como expressão de vaidade:

— Não queria falar do outro filho que tenho na bateria do Pico das Medaças, antes de me encontrar alicovossa magestade,

— Oh homem! Outro filho!

— E mais que tivesse; esse é o meu Fortunato; e quando não estou no fogo da bateria, fico de semana em serviço médico no Hospital dos Choleticos de S. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro emudeceu diante da revelação casual de um tão completo sacrifício. Abraçou o velho, porque não pôde articular palavras, e os olhos marejaram-lhe de lágrimas. Aquelle natureza egoísta, como a de todos os principes, insensível à dedicação como a revela a demissão do grande Moussâim da Silveira, foi uma vez tocada pela realidade das coisas. As palavras desinteressadas daquelle velho revelaram-lhe que se elle sabia sacrificarse por uma filha, ninguém, em uma cidade sem muros, cercada por mais de oitenta mil inimigos, dizimada pela peste, apetitada pela fome, ameaçada pelo saque, ninguém polpava o seu sangue, porque todos queriam converter a liberdade em direito. O sacrifício de um pae ficava suplantado pelo sacrifício a uma geração inteira. Que bela gente essa, bem digna de fundir para si um Republicu, sem os sofismas de uma carta outorgada.

TEOPHILIO BRAGA.

## FLORES DO AR

### I

*Quando no céu vos vejo, claridades,  
Companheiras celestes dos meus aís,  
Sinto não sei que languidas saudades  
D'outros tempos passados, immortais.*

*E pergunto quem sois? Talvez suspensas  
Citaras de marfim d'immenso cōr,  
Gotas d'orvalho em árvores immensas,  
Eternas, velhas tampadas de ouro!*

*Talvez sejas as setas encravadas  
Dalgum que noutro tempo vos venceu,  
Velhas feridas ainda não fechadas,  
E cicatrizes lucidas do céu.*

*Arasias d'ouro d'árduos desertos  
Ou engastados pratinhos d'infelizes.*

*— Grandes fructos do Bem nos céus abertos,  
De que em baixo só vemos as raízes!*

### II

*Quem sois? quem sois? o doce exiladas,  
Perdidas, entre os rythmos da afflção!  
Almas, tristes vencidas, desgarradas  
D'Aqueles que buscamos tanto em vão!*

*Quem sois? quem sois? — Talvez no ar perdidas  
Notas d'ouro de vague melodia,  
Longas prantos das deusas perseguidas,  
Ou amores doscabelados de Maria!*

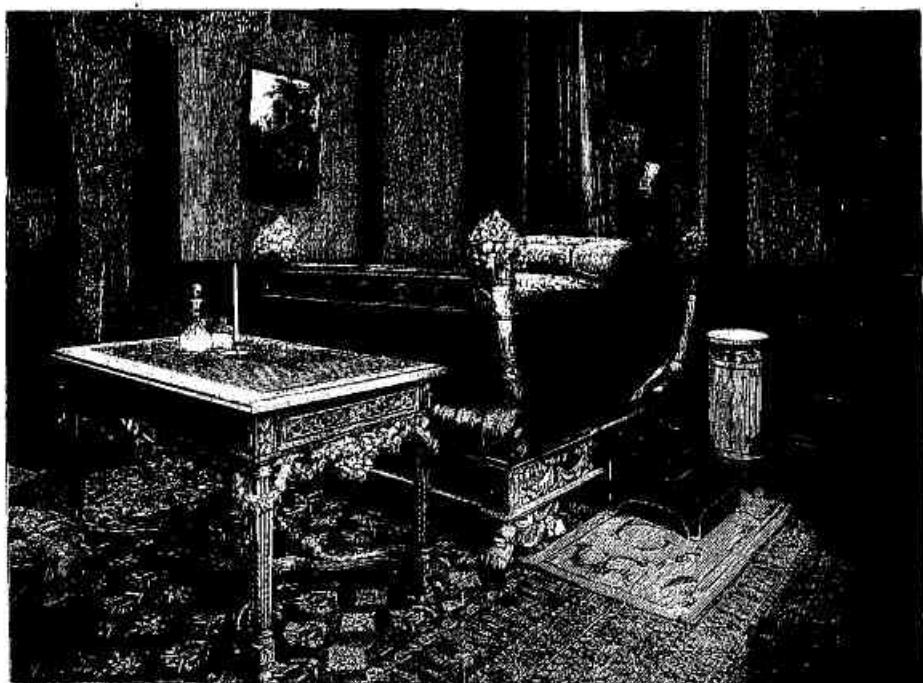
*Regiões onde, ó mal! tu não penetras,  
Grande Bíblia d'amor escrita em tu,  
Ou eternas talvez doiradas letras  
De novos evangélicos de Jesus.*

*Fantásticos países das esperanças,  
Talvez armas de cintas e ilusões...  
Astros do ar, agudos como lanças,  
— Porque é que nos feris os corações?*

GOMES LEAL.

TSARINE

PODE ARROZ RUSSO  
Aderezo, Sazonante, Injertos  
Preparado por VIOLET  
26, Blvd. des Italiens, PARIS



O QUARTO DE DORMIR DO SHAH DA PÉRSIA.



O SALÃO E O TRONO DO SHAH DA PÉRSIA.

O SHAH DA PÉRSIA EM PARIS. — ASPECTO DOS APOSENTOS onde o Shah habitou.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A ALDEIA « CANAQUE » NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.

## A ILLUSTRAÇÃO

## AOS NOSSOS LEITORES

Temos o prazer de anunciar para muito breve aos nossos assinantes uma inovação que a ILLUSTRAÇÃO vai inaugurar, e que a coloca definitivamente ao par dos principais jornais do seu gênero, de Paris e de Londres.

Esta inovação puramente literária e artística é uma perfeita novidade em Portugal e Brasil; e estamos certos do que ha de ser acolhida com o mesmo interesse e a mesma sympathia, com que tecem sido recebidos os numeros da ILLUSTRAÇÃO ácerca da grande Exposição Universal de Paris.

Não podemos ser hoje mais explícitos, não só porque as boas surpresas que constituem o interesse do jornalismo... mas também porque queremos dar não a imitadores ou a concorrentes, de que nos sigam as pisadas, e nos roubam as ideias.

A grande novidade da ILLUSTRAÇÃO será um extraordinário melhoreamento que os assinantes nos hão de agradecer profundamente.

Mais alguns numeros, — e poderemos então desvendar o mistério...

Que os nossos leitores se preparem para uma agradável surpresa...

PERFUMARIA MEDICIS. Essencias, sabores, perfumes, medicinas, neres, pós, etc. OGIER, 6, Boulevard de Strasbourg, Paris.

## A REVISTA DAS REVISTAS

## O EXCESSO DA POPULAÇÃO

SIR Drysdale, de Londres, fez ao congresso de hygiene uma comunicação sobre a influência da excessiva natalidade da classe pobre sobre a duração da vida.

A conclusão de sir Drysdale é que os governos deveriam desanimar a produção das famílias excessivamente numerosas, por meio d'uma multa que não excedesse 8000 reis por cada criança acima d'um maximum de quatro anos!

Dividímos que esta proposta encontra muitos adherentes, mesmo em Inglaterra. Em França, como se sabe, andam ainda a estudar o meio eficaz de favorecer a produção de numerosas famílias, e por cada criança acima de quatro anos, era um prêmio que seria conveniente poder dar,

E em Portugal também, onde a população diminui pelo aumento sempre crescente das correntes de emigração para o Brasil.

## NOVO CANAL

Os estudos preliminares para o corte do istmo de Panamá estão já concluidos, e os trabalhos d'excavação do canal vão começar imediatamente. Duas grandes pontes de ferro reúnto a bimba ao continente.

Como se vê, a febre da perfuração dos istmos ainda não parou... E apesar de ainda ha meses se terem perdido 11000 milhares de francos (250000 contos de reis!) no aventureiro de Panamá, nem por isso os capitães deixam de afluir para a abertura de novos canais marítimos, de resultados muito problemáticos.

## RISCOS DA CINNABARINA.

Conta o sr. Fauchier, na Revue d'Hygiène, o caso d'uma menina que queimou os cabellos e parte do cabeca com a inflamação subita d'um pente de celulóide, aquecido pela aproximação d'um pequeno fogão de ferro onde se aqueciam ferros de engommar. A cabeca da criança estava distante do fogão só 10 centímetros, no momento do desastre.

A celulóide fabrica-se com um papel fino pyroxylico, que se pisa ou se faz em pasta com 15 a 20 por 100 de compresa, adicionado de diversas matérias colorantes, depois misturado com álcool de 90 graus, e finalmente comprimido em pedaços espessos sob uma pressão de 150 atmospheres e a uma temperatura de 90 graus.

Pela sua composição em pyroxylico, camphora e álcool, seco e premente como a celulóide deve ser eminentemente combustível. E a combustão faz-se com grande vivacidade à temperatura de 240 graus. Além de que, a celulóide não pode suportar muito tempo a ação do calor sem se decompor subitamente.

Pitadamente, os pentes de celulóide, imitação de tartaruga, como todos os objectos em celulóide que andam a venda pelas bazaras e quinquilharias, ardem com terrível vivacidade a uma temperatura de 240 graus, e decomponse a uma temperatura de 200 graus.

Que os nossos leitores desconfiem dos objectos de toilette em celulóide. O acidente que narramos pode-se tornar frequentíssimo, com o emprego das jampumas de aço para frisar os cabellos.

## VÍCTIMAS DOS RAIOS.

O numero das pessoas mortas pelas raios, em Inglaterra, durante os annos de 1850 ou 1852, foi de 456, sendo 442 do sexo masculino e 101 do sexo feminino.

Os habitantes do campo pagaram um tributo mais considerável, que os habitantes das cidades. A vizinhança das costas ao sul e ao oeste d'Inglaterra e a das montanhas parece diminuir os riscos de se ser apunhalado pelo raios,

Os habitantes do interior são os que mais sofreram.

## VÍCTIMAS DO MAR.

Acaba de se organizar em Inglaterra a primeira estatística indicando o numero de pessoas que perderam a vida em navios de comércio ou de pesca.

Contam-se cerca de 300000 vícimas, nestes dez últimos annos, na marinha inglesa. A cifra annual dos mortos variou de 3512 em 1882 a 2071 em 1888.

## UM BACALHAU.

Acabam de pescar em Lofoten (Noruega) um bacalhau d'um volume extraordinário. Posava 31 kilogrammas e media 102 cm. de comprimento.

1950 é já um comprimento excepcional entre os bacalhaus, comprimento que só se encontra nos exemplares muito velhos. A cabeça do bacalhau que acabam de pescar media 42 cm.

Alum dos restos de diversos festins, encontraram-se no estomago d'este bacalhau, e quasi inteiras, as espinhas dorsais de dois bacalhaus de tamanho regular, o que dá idéia da voracidade d'estes peixes.

## A POPULAÇÃO EM FRANÇA.

Já está em vigor a lei que exime da pagamento das contribuições pessoal e mobiliário o pai e a mãe de sete filhos.

Esta medida é destinada a remediar a diminuição de população em França. Mas as causas d'este diminuição são seguramente mais complexas do que julgam os legisladores, e o numero de sete filhos é muito elevado para que a nova lei tenha uma influência sensível no secundilâto dos casais.

## QUESTÕES AGRÍCOLAS.

Um projecto da lei actua de ser submetido à cámara dos Comuns, em Inglaterra, para que se dê aos alunos das escolas primárias uma certa somma de conhecimentos agrícolas elementares.

Os promotores do projecto, entre os quais se vê o nome de sir John Lubbock, esperam d'este modo prestar alguns serviços à causa da agricultura.

## MÉTODO PASTEUR.

O correspondente de Roma para o Daily News, anuncia que a municipalidade de Roma decidiu mandar construir n'aquele cidade um instituto antituberculoso, segundo os methodos de Pasteur.

## PARIS.

PARIS. □ 30. RUE MONTOLON, 30

## GRAND HOTEL DU BRESIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Ópera, das principais estações de estradas de ferro, das bulleterias e das casas consularias brasileiras e portuguesas. Quase todo o dia, pelo proprietário e sua família. É o mais concorrido e popular pelas viagens, brasileiros e portugueses, em razão do modo de vida e das comodidades que oferece. LA TERRASSE.

SALÃO REFEI. VÍCIOLE, 197. SÁBADO DE THIRDADE, 23, Bulevar des Italiens, Paris. VELOUTINE. Recomendada por autoridades médicas para a digestão da Pólvora e da medicina.

Livraria C. REINHOLD, rue des Saints-Pères, 15, PARIS.

## ACABA DE APPARECER

## OBRA COMPLETA

## TRAITÉ

## D'ANATOMIE HUMAINE

POR

C. GEGENBAUR

Professor da anatomia, e director do Instituto Histológico da Universidade de Heidelberg.

TRADUZIDO SOBRE A TERCEIRA EDIÇÃO ALÉM

ron

Charles JELLINE

Doutor em ciências naturais, encarregado das cours d'anatomia comparada e de anatomia topográfica da Faculdade de Medicina de Liège.

Obra ornada com 635 figuras sendo um grande número impressas a 2 e 3 cores.

Um forte volume: in-8° de 1250 páginas, cartonado à inglesa.

Preço: 36 francos. □

## OBRA DO MESMO AUTOR PUBLICADA PELA MESMA LIVRARIA

## MANUEL

## D'ANATOMIE COMPARÉE

POR

C. GEGENBAUR

Professor da Universidade de Heidelberg

Com 319 gravuras em madeira inteseladas no texto.

TRADUZIDO EM FRANCÉS SOB A DIRECÇÃO DO PROFESSOR

CARL VOGT

Um vol. gr. in-8°: 18 francos; cartonado à inglesa: 20 francos.

# GUERLAIN DE PARIS

16, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua da Colonia Imperial. — *Suposetil*, sabonete do toucador. — *Crema Jacobina* (*Ass. brevia Curva*). — *Crema* para a barba. — *Crema Morengos* para amaciar a pele. — *Possu Tyrris* para branquear a cutis. — *Atitlito* cristalizado, para o cabelo e barba. — *Aqua Althea* e *agua Lustrante* para perfumar o toucador a cabeca. — *Maria Christina*, *Agua de Rose*, *Ramalhete da Cintura*, *Heliotrope branco*, *Exponiente de Paris*, *Imperial Russa*, *Imperial de Brasil*, para o longo. — *Aqua da Colonia Imperial Russa*. — *Aqua da Cidra* e *agua de Cypris* para o toucador. — *Alcoolico de Cachemira*, para a boca.

EXPOSITION UNIVE. 1878  
Médaille d'Or  
Croix de Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

PERFUMARIA ESPECIAL  
de  
LACTEINA  
E. COUDRAY

Preciosos, pelas Estabelecidas Baudier, da Paris  
para TODAS as NECESSIDADES do TOUCADOR

PRODUCTOS ESPECIALES

FILEX de AMPOZ de LACTEINA para branquear a pele.  
SABONETE da LACTEINA para a barba.  
CREME e SÓLIDO de LACTEINA para a barba.  
POWDER de LACTEINA para a roupa dos candalos.  
MÍXIA de LACTEINA para o toucador.  
FILEX de LACTEINA para combinar os candalos.  
ESSENCE de LACTEINA para ferros.  
ÓLEO e ÁGUA DENTIFRÍCOS de LACTEINA.  
CREME LACTEINA chamado estímulo de pele.  
LACTEINA para a barba, para o toucador.

ESTES ARTIGOS SÃO DA MAIS FAMOSA  
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS  
Depois no inicio as Perfumarias,  
Farmacias e Cabelleireiros da America.

Casa De VERTUS Seurs  
ESPARTILHOS  
PARIS 12, Rue Auber

VINHO DE MILLET

Chalybé Balsamico

Tónico superior d'uma efficacia certa  
na Anemia, Clorose, Prostropia, Impotencia,  
Fevres, Bronquite cronica,  
Doenças mentais e nervosas.

PREÇO 3 FRANCOS. O FRASCO  
Recomenda para o estrangeiro 2fr. por 7 fl.

IMPORTEIRO:  
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

CALLIFLORE

Flor de Hollanda

POS ADHERENTES & INVISIVEIS

Grande perfume de Hollanda em um impreenso ester  
pois imponente no rosto, para as molas das doçinhas  
de Hollanda e obtém um perfume de aquiles.

Além das brincos, no enxoval varzea, no ouvir de  
quatro molas diferentes. Brinco e liso, sólido e  
muito sólido, sólido e muito sólido. Pode o pôr, cada  
peça contém em si só um velho no rosto.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em

PARIS  
FAFRIA & EXPEDICOES: 16, AVENUE DE L'OPERA

LISBOA. — MM. V<sup>o</sup> de CARTAIS JUSTA DA COSTA E F. — 16, NOVA RUA CARMO, 68 e 73.

Em todos os Perfumistas e Cabelleireiros  
de França e do Extrangeiro

A  
VELOUTINE  
Pô d'Arros  
especial  
PREPARADO COM BISMUTHO  
Por CH<sup>o</sup> FAY, Perfumista  
9, rue de la Paix, PARIS

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE  
dysenteria, diarrhoea, gastralgias, colites.

FERRO QUEVENNE  
branco, perdas. Existe o Sálvo da UNIÃO DOS FABRICANTES — 14, rue des Beaux-Arts, PARIS e Paris

A PASTA EPILATORIA DUSSER  
destino industrialmente na Fábrica Desagradável (Bata, Bligão, etc.) Vida fósforos das Emboras, assim napalmico secopreço para a pele mais seca, 50 ANOS DE EXISTO, Nossa Desagradável  
destino industrialmente desse preparação. Vendido em coxins para o barba, e metas cítricas para um prego branco.

DUSSER, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS; Em Lisboa: 60 BRFAY, BENARD, Farmacia ESTADIO e C. e as primeiras Perfumarias de Lisboa e do Brasil.

Fallencia de Forcas  
ANEMIA - CHLOROSE  
o FERRO  
BRAVAIS

Branco de Ferro, das mais suaves  
e das mais suaves, que é ótimo para o toucador.  
e da ferro, que é ótimo para o toucador.  
e da ferro, que é ótimo para o toucador.  
e da ferro, que é ótimo para o toucador.  
e da ferro, que é ótimo para o toucador.  
e da ferro, que é ótimo para o toucador.



OLEO DE HOGG  
de FICADO FRESCO de BACALHAO

NATURAL e MEDICINAL

Esse óleo dura 40 ANOS, em  
França, Inglaterra, Holanda, Portugal,  
Itália, Brasil, Repúbl. Hispano-  
Americana, pelos primeiros me-  
dicos do mundo, contra as Mo-  
lestias de Peito, Téreas, Crânias  
franzinas, Tumores, Irruções  
de Peito, Pessoas frácas, Flé-  
brevias, etc. O Oleo de Bacalhão  
de HOGG é o mais raro e  
principio activo.

Também óleo de frutas TRIANGULARES,  
Existe sobre a Etiquete o Sello usual  
do Estado Francês.

Caixa Privilegiada: 1645, 2, rue Cardinale, PARIS

• M. MM. TORNAS as PHARMACIAS

DIGESTÕES  
DIPOFÍCOS  
Dyspepsia  
Perda  
de Appetite  
DOENÇAS do ESTOMAGO  
ELIXIR GREZ  
TONICO - DIGESTIVO COCO, QUINA, COCA e PEPSINA  
ADOPADO EM TODOS os HOSPITAIS

Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra  
PARIS - GREZ, 34, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias

TRISTES PEZARES

De que pezares se não é alegado  
quando por continuação d'uma faixa  
de cuidados se descobre que a terrível  
cúria ataca o osso dos dentes, os  
amarelece e os abala, torna os  
gengivas e compromete a pura do ha-  
bito! E desde então, não somente a  
graça do rosto desaparece, mas ainda a  
masticação dos alimentos se torna  
difícil... Pensem por tanto, encanta-  
dores leitores, que para a boca é pre-  
ciso uma higiene seguida e se querem  
conservar os seus dentes sólidos, o  
habito puro e as gengivas firmes, façam  
uso contínuo do Elixir dentifício das  
R. R. P. P. Benedictinos da Abadia  
de Soula que a fama tem colocado  
na muito na primeira ordem dos den-  
tíficos, e que se acha hoje sobre a  
mesa de toilette de todas as elegantes  
do Universo.

Agente geral: A Seguin, Bourdeaux.

Preço de venda em França, Elixir:  
3, 4, 5, 12 e 20 francos;

Preço de venda em França, Pôs:  
1,25, e 3 francos.

Preço de venda em França, Pasta:  
1,25, e 3 francos.

Encontra-se em todas os perfumis-  
tas, Cabelleireiros, farmaceuticos,  
Drogistas, retrozeiros etc.

PARIS  
BELLEZA DO ROSTO  
— LACT ANTÉPHELICO —  
O LEITE ANTÉPHELICO  
puro ou misturado com agua, dissipa  
SANDAS, TEE CRESTADA  
PINTAS-RUERAS, BORBULHOS  
ROSTO BARABULHENTO  
e FARINACEO  
RUGAS  
CANDES & C. &  
CANDES & C. &  
CANDES & C. &  
CANDES & C. &

VERDADEIROS GRÃOS  
DE SAÚDE DO DR. FRANCK

VERDADEIROS  
GRÃOS  
de SAÚDE  
do dr. FRANCK

Imprimenta: Domachot, Funchal  
Av. da Liberdade, 100  
Caixa de Fazenda, Aracaju,  
Piauí da vinte, Estremoz,  
Vidigueira, Coimbra, etc.  
Cidade da Beira e da Vila  
Cidade da Beira e da Vila  
Encontrar as CALHANHAS AZEDES com  
estalo em 4 cores e o JATO de  
Vida dos FABRICANTES  
Porto, Funchal, Lisboa e principais

T. JONES  
23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23  
PARIS

Fabricante  
de Perfumaria Inglesa  
EXTRA-FINA

Extractos compostos

IMPERIAL RUSSE

ESS. BOUQUET

VIDOTIA

CAPRICE

CHYPRE

FEUQUE

PARADIS

W. Hollister  
etc.

Especialidades  
DE  
T. JONES

Fluide Iatif

Producto sem equal para atacar  
e preservar a pele quaisquer irritação.

La Juvenile

Para embalar as roupas higiénicas Pescocos Homens

Lily Wash

Conserva-se perfeitamente e solo todos os climes.

Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones

Tonico e Refrigérante.

Elixir e Pasta Samohti

Benefícios antisepticos, higiénicas, impede a rixa e o tumor.

BETHING B.W.  
NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

23, Boul<sup>o</sup> des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Perfumaria Inglesa

EXTRA-FINA

Extractos compostos

BETHING B.W.

NEW BORN HAT

STEPHANOTIS

DRONAX

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

PARIS

VIENNA



1875

# PERFUMARIA ORIZA

## DE L. LEGRAND

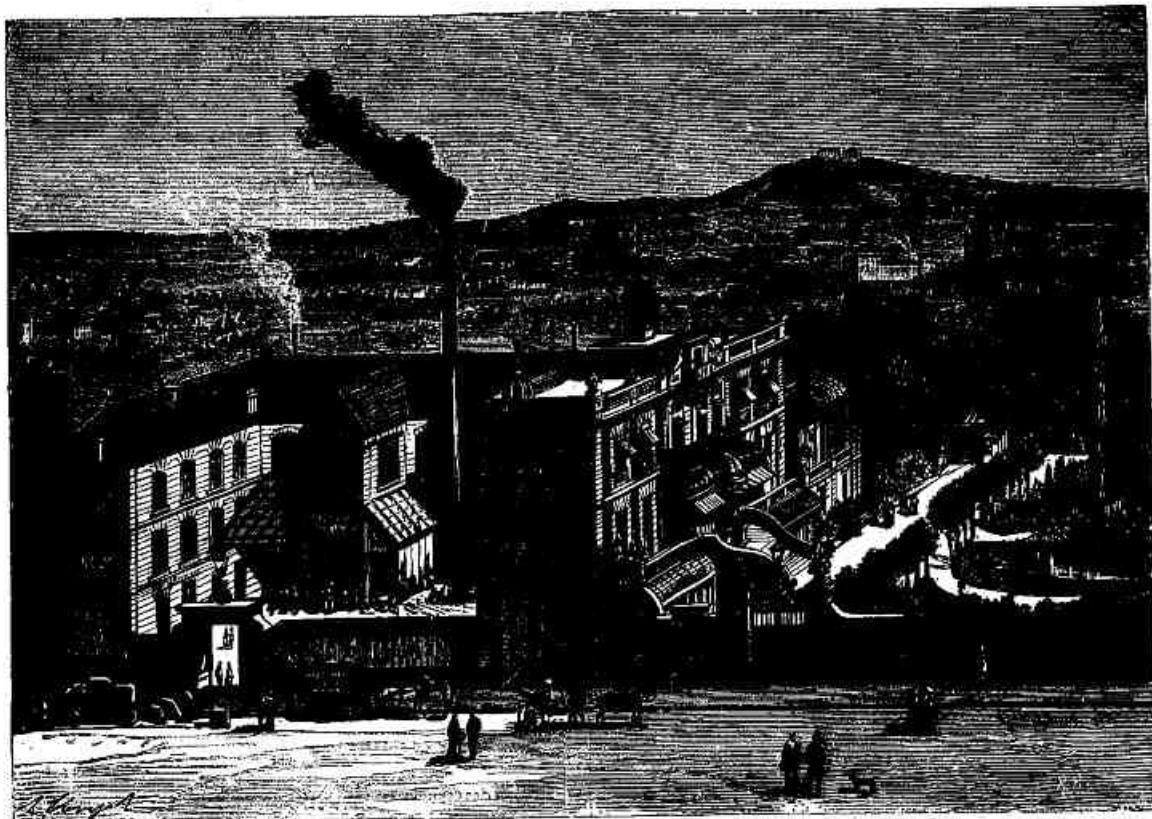
FORNECEDOR DA CÓRTE DA RUSSIA E DE MUITAS CÓRTEIS EXTRANGEIRAS

PARIS. — 207, rue Saint-Honoré. — PARIS.

MEDALHA DE PRATA



1878



## VISTA DA FABRICA MÓDÉLO DA PERFUMARIA ORIZA L. LEGRAND

con LEVALLOIS-PERRET (Seine)

NOVA DESCOBERTA EM SCIENCIA INDUSTRIAL POR L. LEGRAND

## Perfumes solidificados chamados concretos da Ess. Oriza

PRIVILEGIO D'INVENÇÃO S. O. D. G. EM FRANÇA E NO EXTRANGEIRO

Os perfumes de flores ou ramos da ESS. ORIZA, preparados por este novo processo, possuem uma concentração e uma suavidade desconhecidas até hoje que permite de os fornecer aos consumidores no estado inteiramente concreto, isto é, no estado SOLIDO.

Possuem a vantagem de perfumar instantaneamente todos os objectos submetidos ao seu contacto, sem os manchar e sem os deteriorar.

Estes modelos fabricados n'um pequeno formato não são incommodos e podem-se trazer sem temer o inconveniente de se entornarem, nem de se evaporar o perfume.

Pode-se, por meio dos lapis, perfumar instantaneamente a pele, a barba, o lenço, rendas, fitas, estofos, luvas, todos os artigos de roupas brancas, de papeleria, flores artificiais, etc., finalmente todos os objectos aos quais se queira comunicar um perfume.

## ESTES LAPIS ESTÃO MELLIDOS:

1.º Em modelos, forma d'amendados marfim e

osso, em estójos.

2.º Em modelos, forma de caixas d'algueira,

marfim e osso, em estójos.

3.º Em modelos de cristal de diversas cores,

forma d'amendados, capsula de metal em estójo.

4.º Em modelos, em metal, da forma de porte-

croyou.

5.º Em modelos de metal, bro'ques e ourivese-

ria.

6.º Em modelos de sachets diferentes para rou-

pa branca e corpos de vestidos.

## ORIZA-LACTÉ

Lotion ÉMULSIFÉE  
Lesques e velvete a Pois  
Par despoiscer as saudasORIZA-VELOUTÉ  
New-Mown HayPo de flores d'arroz  
Adesivo a pele, dando o  
svelveteado do prego.ORIZA-TONICA  
AGUA VEGETAL

PARA LAVAR

OS CABELLOS E CONSERVAR A SAUDE DA CABEÇA

SAVON ORIZA-VELOUTÉ  
segundo a deuse O. Borelli,  
o mais doce para a peleESS. & ORIZA-LIS  
Novos perfumes  
adoptados pela Fashion

Faz: CRÈME amado a  
encharcar os a PELLE,  
dando-lhe TAMPONAMENTO à  
PRESA la Molhada  
ATE A NOITE, quando  
torna a seca, o  
vento e o Sol,  
des Monchonha Sordas  
o das Rugas.

DENTRANS TOUTES LES PARFUMERIES DE PARIS

## O CATALOGO BIJOU ILLUSTRADO É MANDADO GRATIS E FRANCO

Estes produtos encontram-se em França e no estrangeiro, em todos os principais perfumistas.